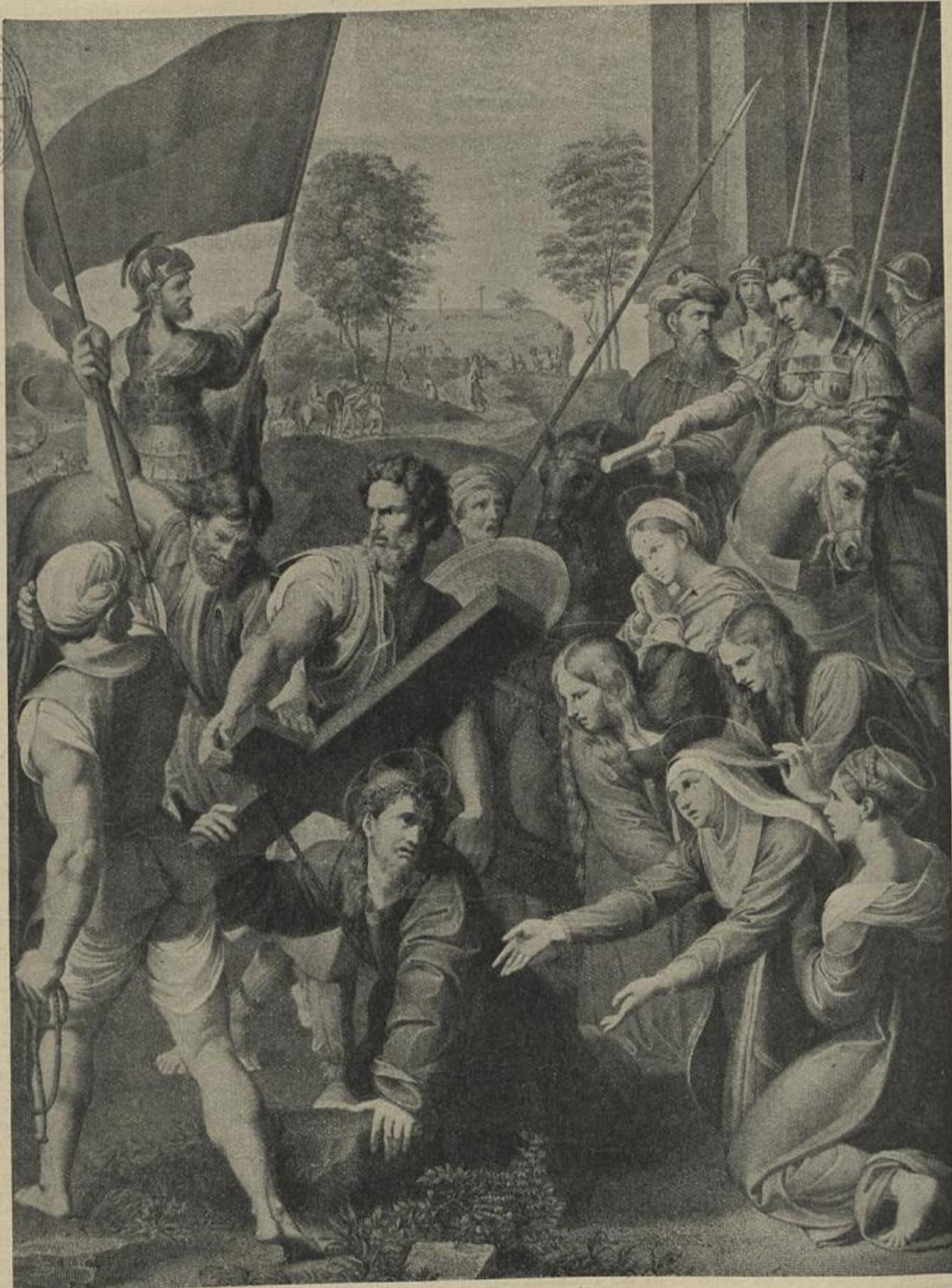
Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	10 de Abril de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27	N.º 1054

JESUS CRISTO CAE SOB O PESO DA CRUZ — Quadro de Rafael existente no Museu de Madrid

Chronica Occidental

Portugal prepara-se com afan para concorrer á exposição do Brazil, e oxalá faça luzir nesse certamen, com brilho intenso, o nome patrio.

Alexandre Herculano, o grande Herculano, alludindo ao valor medio dos ingressos monetarios, que nos trazia o refluxo da emigração portugueza na America, e tambem ás permutas commerciaes com Terras de Santa Cruz, dizia:

— «A nossa melhor colonia é o Brazil, depois que deixou de ser colonia nossa.»

Assim foi por largos annos; e assim devera ser ainda hoje — no que respeitasse ao bom aproveitamento dos elementos portuguezes esparsos ás dezenas e centenas de milhares, por aquelle vastissimo paiz, — se entre nós houvesse uma salutar iniciativa do Estado, caminhando parallelamente com uma perseverante iniciativa particular. Mas parece-me estar demonstrado que nem aquella entre nós existe, e se existiu, de todo se eclipsou; nem esta sequer. E' que nem o estado portuguez se lembra de que o Brazil é um dos melhores mercados que ainda hoje se conhece para os nossos productos, nem tão pouco o industrial, o agricultor e o commerciante.

Parecia que ao annunciarem, no fim de cada anno, as estatisticas de exportação, um sensivel decrescimento nas remessas de certos productos anteriormente apreciados no Brazil — ou em qualquer outro paiz com o qual mantivessemos boas e regulares relações commerciaes — immediatamente se procurasse saber a causa d'esse decrescimento, e se tratasse de estudar o meio de a evitar de futuro, para não se dar um qualquer desequilibrio na economia nacional.

Isto affigura-se de facil intuição. Desde o momento que se não póde, ou se não sabe alargar o campo das operações commerciaes, para maior desenvolvimento da fortuna publica, pelo menos devem empregar se todos os esforços para conservar as posições adquiridas á custa de muito tempo, muito trabalho e muita perseverança.

E' assim que procedem os paizes europeus que comprehendem o alcance da grande lucta pela existencia.

Nós, porém, tudo deixamos á matroca, sem o mais leve temor da concorrencia estrangeira.

Santo paiz! santa gente!

Os nossos concorrentes, os nossos rivaes, dispõem não só de habeis e optimos caixeiros viajantes, admiravelmente adextrados conforme o ramo de negocio de que cada qual se incumbe, mas de agentes fixos, não menos habeis. Isto sem falar nos serviços consulares, escrupulosamente montados sob o ponto de vista da informação commercial, e nas camaras de commercio.

Quando a industria de qualquer paiz lança nos mercados brazileiros um artigo que passa a ter geral procura, immediatamente o caixeiro viajante d'essa industria rival, ou o agente permanente de qualquer fabrica, ou a camara de commercio allemã ou franceza, envia aos interessados uma amostra d'esse artigo, para ver se é possivel fazel-o da mesma qualidade, ou com egual apparencia, — e sempre mais barato.

E é assim, com estes e outros processos de feroz concorrencia e de constante imitação e contrafacção, que a industria allemã, de qualquer genero, tem pouco a pouco avassalado os mercados do Brazil, desalojando e exterminando da praça grande quantidade de artigos, não só portuguezes, mas francezes e inglezes, de que a França e a propria Inglaterra tinham antigamente o monopolio.

Querem um engraçado mas eloquente exemplo, em prejuizo da industria nacional?...

A fabrica de loiça das Devezas tem a especialidade das estatuas para jardins, palacetes e portões de quinta, estatuas de loiça branca vidrada, e que são o encanto dos ricos provincianos, donos de propriedades de recreio.

Tem dois generos caracteristicos de mercadoria, afamados em todo o norte do paiz, e tambem no Brazil, essa fabrica das Devezas: as estatuas propriamente simbolicas e as estatuas patrioticas.

As primeiras são as figuras das quatro estações, tipos de risonhas divindades representando a Primavera, o Estio, o Outomno e o Inverno; a figura de Mercurio, deus do Commercio; a figura da Terra; varias Nimphas para tanques e cascatas; finalmente, tudo quanto o espirito pagão e panthesista dos obscuros artifices das Devezas, foi capaz de arrancar ás suas modestas fantasias, e traduzir em barro cosido e vidrado.

As segundas representam as grandes figuras da historia patria, os heroes: Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Luiz de Camões, o Infante D. Henrique — em corpo inteiro ou em busto, conforme a conveniencia architectonica dos portões e palacetes, a exigencia esthetica dos jardins, das xacaras ou das cascatas.

Na serie das estatuas simbolicas, convem não esquecer a figura do Brazil, um moço e vigoroso guarany, com o competente arco e o cocar de pennas rutilantes; assim como a figura do velho Portugal, todo vestido de rigidas armaduras, segurando numa lança, com luvas de ferro, capacete, viseira erguida, e grandes barbas venerandas, como as do Moisés de Miguel-Angelo, boas para fluctuar ao sabor dos vendavaes.

Juntem-se a esta variedade esculptural alguns vasos ornamentaes com grandes ramos de flôres, tudo em loiça; alguns cães, eternos simbolos de fidelidade; mais o inevitavel leão de Castella, amarello torrado, de forte juba, a pata assentada sobre uma bola — o Mundo — e teremos formado uma ideia das estatuas de loiça vidrada que saeem das Devezas, vão ornar as quintas e jardins de entre Minho e Douro, e no Brazil as xacaras dos portuguezes.

E como aqui sorrimos d'essas esculpturas; e como lá nos parecem bellas! Em noites maravilhosas de luar, como só se veem nos tropicos, essas estatuas, espalhadas pelas xacaras, dão ao portuguez a dôce, a terna illusão de que anda passeando n'algum jardim do querido, do suspirado paiz... Sugerem a patria; e elle acha-as encantadoras!

Ora o que fez o allemão industrial e pratico?

Foi-se ao busto de Camões e de Vasco da Gama, á estatua do velho e venerando Portugal, armado de ponto em branco para alguma lucta dos velhos tempos heroicos, tirou-lhes as medidas e photographias, mais uma amostra do barro, para melhor fazer a imitação, e á qual pôz a propria marca das Devezas, a azul, de modo a poder vendel-as em todo o Brazil ao portuguez saudoso e patriota, muito mais barato que o artigo genuinamente portuguez.

Aos que julguem a historia exagerada, lembro-lhes o succedido ha annos em Hespanha. O governo hespanhol, em vista das queixas das industrias de ferro e aço, teve necessidade de apresentar uma proposta de lei ao parlamento, e que foi votada, prohibindo a entrada de folhas cortadas, de proveniencia allemã, com a marca Toledo ou outra marca de nome hespanhol, para evitar confusões que só trariam prejuizo para a industria do paiz.

E' pois a industria allemã que dentro em pouco ha de ter açambarcado no Brazil a clientela propria das Devezas e outras fabricas similares do nosso paiz; a industria allemã que ha de fornecer ás colonias portuguezas do outro lado do Atlantico o busto do cantor dos *Lusiadas*, do descobridor do Brazil, e o Portugal venerando, de longas barbas e viseira erguida; como é a Allemanha que fornece para as grandes romarias dos portuguezes no Brazil as medalhas, as medidas, os registros, que ás portas das egrejas compram os fieis; como é das fabricas allemãs que estão saindo as estatuetas de barro pintado, representando os tipos populares das nossas provincias do Norte, e que em todo o Brazil se vendem profusamente!

E são os grandes e caros, como os pequenos e modestos artigos, que chegam a parecer de resultado insignificante e ridiculo para nós latinos do sul, grandes mandriões, improprios para esta lucta commercial e fabril de todos os dias, — que fazem com que o commercio geral da Allemanha suba, em menos de dez annos, de quasi trinta por cento.

E' assim que se trabalha; é assim que se lucta; é assim que os paizes se tornam ricos e poderosos.

João Prudencio.

A Paixão de Jesus Cristo

E' chegado o tempo em que toda a cristandade commemora a Paixão de Jesus Cristo, recordando com grandes solemnidades em seus templos o sacrificio do Justo, que morreu para salvar a humanidade.

A Paixão de Jesus Cristo reune em todos os seus lances a maior lição da vida; é o espelho fiel em que todos poderão revêr a propria consciencia e reconhecer quanto nella encontram do que fez sofrer Jesus. A vaidade, a inveja, a avaresa, a intriga, a falsidade, a ingratidão, que tudo na sua Paixão se observa e de tudo isto foi victima na terra o Justo, o Bom, o Manso Jesus.

Passou na terra dizendo ao povo o que este nunca tinha ouvido. Disse-lhe que eram todos irmãos e que todos se deviam amar, para que o amassem a Elle; que todos eram livres porque Deus a todos criara para o amarem. Falou-lhes da Caridade e pela primeira vez a praticou na terra. Para que todos sofressem com resignação as dores da vida, deu-lhes Elle o exemplo da maior abnegação, sofrendo e morrendo afrontosamente pela humanidade.

Foi preciso este inaudito sacrificio do Justo para que as gerações o adorassem, ainda que tão mal o teem amado e não cessem de reinscidir nos vicios de que Jesus os quiz resgatar.

A grande tragedia do Golgotha foi o termo da Paixão de Jesus Cristo espirando na cruz.

Tão grande sacrificio assombrou a natureza. «O ceu se cobrio de trevas pelo espaço de três horas: O véu do Templo se rasgou em duas partes de alto a baixo; a terra tremeu; as pedras se quebraram; os sepulcros se abriram; os mortos se levantaram, onde appareceram a muita gente. Tantos e tão extraordinarios sinaes fizeram dizer a um Centurião, que comandava os soldados, que aquelle homem crucificado era o Filho de Deos.» Assim se lê nos Evangelhos.

Cometera-se de facto o deicidio.

Despontava a aurora da Redenção e o mundo principiou a iluminar-se da sua luz.

Os discipulos de Jesus repetiram por toda a parte as palavras do Mestre, e os povos seguiram-os e propagou-se a doutrina cristan.

Os poetas teceram-lhe himnos, os da Musica; os da Poesia, os da Arte.

Os suaves preceitos da lei de Jesus sencibilisavam tanto os corações como os tormentos que Elle passou, para a implantar.

Era um Deus a quem se devia levantar altares onde seria adorado sobre a cruz, instrumento de seu suplicio, que Elle desde a hora em que nella morreu santificara.

E levantaram-se os altares, e ergueram-se templos, e esculpiram-se imagens, e pintaram-se quadros, tudo para glorificar a Jesus Cristo.

A arte cristan foi a mais brilhante que até então tinha havido. A crença e a Fé acendeu as almas e ilumiuou o entendimento.

Quantas obras primas ella produziu, que as gerações contemplam e admiram!

Desde a sumptuosidade das catedraes das cidades até aos humildes ermiterios das aldeias, tudo recorda o Salvador do Mundo; desde as esculpturas sublimes até á cruz mais rustica tudo glorifica o Redemtor; desde os ingenuos desenhos ou pinturas até aos assombrosos quadros dos mestres, expõem a nossos olhos os dolorosos Passos da vida de Jesus na terra ou a sua glorificação na Eternidade.

Em o numero das obras primas da arte cristan entra o celebre quadro de Rafael: Jesus Cristo na Via Dolorosa.

E' esse quadro que hoje apresentamos a nossos leitores.

Observal-o é assistir a um dos Passos da Paixão de Jesus, tal é o conjunto da cena, o movimento, a expressão das figuras, no ponto de que falam as Sagradas Escrituras: «Aquellas santas mulheres, que seguiam a Cristo, e que lhe assistiam no tempo das suas pregações, o acompanhavam tambem agora, levando a sua cruz ao Calvario e mostrando com as suas lagrimas e suspiros quanto sentiam os seus tormentos; e assim atendendo o Senhor a ellas sómente, lhes disse aquellas admiraveis palavras: *Filhas de Jerusalem, não choreis sobre mim, chorae sobre vós e sobre vossos filhos.*»

E ali se encontrou Jesus com sua Mãe na Via Dolorosa, e o acompanhou até ao Calvario, onde sofreu a maior das dôres humanas assistindo ao suplicio e morte de seu Filho.

Tudo o quadro recorda, porque lá vão os soldados e centurião de guarda a Jesus para darem testemunho da sua morte, como haviam de ser testemunhas da sua gloriosa Ressurreição.

Este quadro de Rafael, milagrosamente salvo de ser perdido, está no Museu de Madrid. Foi pintado pelo grande mestre para a egreja de Santa Maria de Palermo, mas ao ser transportado para o seu destino em um navio, aconteceu que o barco se afundou; entretanto a caixa em que ia metido o quadro boiou no mar e veio parar a Genova. O papa intercedeu no caso e conseguio que os genoveses permitissem que o quadro fosse para a egreja a que era destinado. Mais tarde, Filipe IV fez transferir a preciosa téla para Madrid.

A iniciativa particular na instrução da mulher

E' o ser feminino pela sua compleição mais delicada, pelo seu organismo evidentemente sujeito a frequentes fenomenos de aquilatação mais melindrosa, aquele que se impõe em primeiro lugar nas sociedades cultas á atenção dos pensadores e ao cuidado escrupuloso dos governantes.

«O augmento da prostituição, asseverou com fundamento o autor, J. A. Bentes, da obra ha pouco publicada sob o titulo de *Sociologia Fundamental—Constituição da Sociologia*, depende da diminuição dos recursos pecuniarios da mulher e do augmento da prostituição dos homens; da grosseria da sua consciencia, aviltando-as sem excepção, esquecendo que entre ellas está a mãe, que lhe dispensou imerecidos carinhos e cuidados, a irmã que lhe teria desbastado a selvageria ingenita e a esposa que só no divorcio, ou na morte espera o termo da brutalidade, mais ou menos denunciada segundo a sua classe ou a sua educação.»

Ora, é claro que cumpre a quem tem o saber, ou se acha investido nos suprêmos graus da autoridade aplanar os caminhos, suprimindo-lhes quanto possivel as asperezas, diante do ser tantas vezes arrastado ao abismo da ignominia por culpa muitissimo alheia.

«Só após a emancipação de todos os prejuizos pedagogicos, sociaes e religiosos, a mulher, lê-se numa dissertação ainda em data recente apresentada e defendida na escola de medicina portuense, por Jayme Pereira d'Almeida, poderá desempenhar conscientemente a sua nobre missão de Mãe, porque só então substituirá o seu instincto animal por uma razão esclarecida e as suas rotineiras superstições por uma sciencia illuminada e redemptora, porque só então saberá incutir aos seus os mais bellos sentimentos de dignidade civica, armando-os para a lucta leal e honrada da vida e afastando os de todo o genero de subservivencias corruptoras.»

Infelizmente, carecem os portuguezes quasi em geral da nitida compreensão do que é devido á metade gentil do genero humano, contentando-se quando muito com algumas banalidades piegas encerradas em poesia nem sempre primorosa!

E' pouco; é mesmo nada para um povo que quer o nome de civilisado, neste seculo em que o radio e a maquina aéria prometem uma transformação completa na vida e meios economicos dos habitantes do orbe terraqueo!

Pois a nossa nobilissa irman peninsular, a nação espanhola, no numero crescente das suas formosas instituições de iniciativa particular, lá conta uma para o sexo feminino, por tal modo já consagrada na opinião publica por serviços relevantes prestados que ao proprio governo tem sido incentivo e tem servido de modelo, —*La Asociação para la enseñanza de la mujer*.

No n.º 7, correspondente ao mez de novembro ultimo, da esplendida revista de Madrid —*Vida Intelectual* — encontra-se um substancioso artigo, concernente a tão simpatica instituição.

Vou em seguida transcrever alguns periodos do referido artigo, na lingua original, a fim de manter-lhe o peculiar colorido, e no proposito de esclarecer melhor sobre o assunto o espirito dos leitores:

«Regia la Universidad Central, la *Alma mater* española, un hombre grave, austero, espirito macerado por la áspera cruz de la duda, que rendia ante las conquistas de su razon el tributo del sentimento dolorido y del sacrificio ilimitado: D. Fernando de Castro. El fué quien, lamentando que la mujer española fuese un ser ineducado, acudió á demonstrar la inexactitud con que D. Severo Catalina habia afirmado que «era un ser ineducable», y reunió en torno suyo un grupo de hombres eminentes que, con generoso altruismo, ofrecieron á la mujer lo que, como el aire y la luz, es propriedad de todos: el medio de perfeccionar su espiritu.

El 21 de Febrero de 1869 comenzaron su obra, inaugurando en el local de la Universidad Central una serie de conferencias dominicales para señoras.

En la primera de aquéllas decia D. Fernando de Castro: «Tres condiciones han de distinguir y hacer interesantes estas enseñanzas: *moralidad, religiosidad* y *bellesa*.» A estos principios se sometieron las conferencias sucesivas expuestas por Rada y Delgado, Moreno Nieto, Garcia Blanco, Echegaray, Canalejas (D. Francisco de Paula), Moret, Labra, Corradi, Gabriel Rodriguez, Pi y Margall y D. Antonio Maria Segovia, escuchadas con vivo interés por asiduo y numeroso auditorio femenino.

De estas conferencias surgió el pensamiento de formar una «Asociacion para la enseñanza de la mujer». Los conferenciantes y sus más intimos amigos, hasta el numero de setenta ú ochenta, fueron los primeros socios y los primeros maestros, que con doble generosidad ofrecieron el donativo de su dinero y de su saber.

Creóse en primer término la Escuela de Institutrices.

Las clases se dieron por la noche, utilizando el modesto local que la Escuela Normal Central de Maestras ocupaba en el numero 4 de la calle del Arco de Santa Maria, y el profesorado, venido de todos los campos politicos y de todas las escuelas filosóficas, formó apertada haz para sembrar ideas y batir en brecha la ignorancia, enseñoreada del espiritu de la mujer, por tanto, de la familia española

. . . .

A la hora presente, la Asociacion prosigue em silencio su fecunda obra social, ofreciendo al Estado nuevos ejemplos que imitar.

. . . .

Sus fundadores se habiam propuesto como finalidad inmediata «Contribuir al fomento de la educacion é instruccion de la Mujer, y al mejoramiento de su condicion individual y social en todas las esferas de la vida»; pero la realidad, sobrepujando á tan nobles propósitos, ha hecho de la «Asociacion para la enseñanza de la mujer» la porta-estandarte de la cultura femenina española y el ejemplo vivo de los milagros que en beneficio de la nacion puede realizar la iniciativa privada.»

A associação citada possue hoje instalação propria e numerosas escolas onde é ministrado á mulher todo o ensino util e conducente a torná-la verdadeiro elemento de moral pratica emancipadora no plano grandioso da civilisação hodierna.

Recomendo aos leitores hajam de procurar conhecer o estatuto e regulamento da — *Asociacion para la enseñanza de la mujer* —e, creio que, se bem se compenetrarem do seu objétivo levantado e dos magnificos resultados colhidos pelos nossos irmãos d'além fronteiras, talvez com isso venha a lucrar tambem o nivel da mulher na sociedade portugueza.

D. Francisco de Noronha.

De Lisboa a Madrid e Toledo

(apontamentos de carteira)

Dizendo o ultimo adeus á familia, soou a terceira badalada e partiu o comboio. Tanto o meu companheiro como eu iamos nas melhores disposições, conversámos sobre os recentes acontecimentos politicos, ultimos successos theatraes e de vez em quando dirigiamos a vista para os zigzags caprichosos do Tejo, ora alargando ora estreitando, espreguiçando-se mansamente pelas fachas de areia.

Entroncamento! grita por fim o empregado.

Sabem todos que este grito equivale a dizer: «Preparem se com farnel» o que immediatamente fizemos, addicionando-o ao que traziamos de prevenção, o que nos proporcionou mais tarde um pequeno festim á Balthazar!

Novamente o comboio se poz em marcha e tornamos a admirar a linha; vimos o famoso Castello de Almorol, evocador das épocas de amores romanticos e façanhas guerreiras. De Abrantes para cima começa a aridez que nunca mais nos larga; apenas se vêem hervas rasteiras e encarniçadas, sobreiros, já despidos, campos cheios de médas de cortiça destinada quasi toda a Hespanha.

São 6 horas, anoitece e o frio começa a sentir-se asperamente; chegámos a Marvão, fronteira portugueza. As 6 ½ estavamos em Valençia d'Alcantara, paragem para transbordo e visita fiscal. A curiosidade obriga-nos a descer.

E' noite. O pessoal da estação atarefado a atrelar as carruagens que nos hão de transportar até á capital visinha, os *carabineros* entregues ao seu mistér.

Trez vultos embuçados discutem, á escassa luz de uma suja lanterna, as ultimas agitações carlistas em Barcelona. Uma mulher, acompanhada de uma pequenita, offerece-nos almofadas para os wagons e chocolate Mathias Lopez. Aproximámo-nos de um empregado e perguntámos-lhe o tempo de demora, ao que elle, com uma voz aflautada, nos responde: «Non intiendo» — desapontamento meu, que pretendia fallar a lingua de Cervantes como o proprio Castellar!

São horas de partir, subimos e pedimos ao empregado dos *wagons-lits* que nos prepare as camas, o que elle de prompto satisfaz acrescentando que nos acautellassemos á chegada a Madrid, pois que cahia lá muita neve, palavras estas que o crescente frio vinha confirmar.

Adoptámos a posição horisontal até ás 6 da manhã para, a essa hora, a mudarmos para a vertical. Depois de summaria *toilette*, installámonos á janella do corredor e continuámos a notar a aridez da linha; de tempos a tempos alguns farrapos de neve cahiam, semelhante á clara d'ovo batida, e á maneira que a serra Guadarrama se aproximava, elles iam augmentando. A temperatura na carruagem, graças ao calorifero, era de 10 ½ graus positivos.

Por fim, ás 8 horas da manhã avistámos Madrid, onde meia hora depois, chegámos.

Apresentação de bagagens ao pessoal aduaneiro, grande reboliço de moços, cocheiros e engajadores de hoteis, dizendo todos serem os melhores do mundo. O frio era de tal ordem, que por momentos julgámos estar cerca do Polo Norte!

Imaginem para nós, lisboetas, 4 graus abaixo do zero!

O ar era finissimo e não desmentia o proverbio hespanhol: «O ar de Madrid é tão fino que mata um homem e não apaga uma luz.» Subimos para um trem cujo letreiro, *Se alquila*, foi immediatamente supprimido, e lá fomos puchados por uma esqueletica cavalgadura, aos tombos, pelas ruas mal calçadas da parte velha da cidade, que na verdade, como primeira impressão, nos não foi agradavel. Iamos esbarrando com uma das numerosas carroças puchadas por seis machos; pouco a pouco foram apparecendo as ruas modernas, largas e com bonitas edificações que nos modificaram a má impressão das primeiras.

Chegámos á Calle de Alcalá, uma das mais importantes e movimentadas, ahi descemos para o hotel que nos tinham recommendado.

Depois do banho, tomámos como primeiro almoço *(desayuno)* o tradicional chocolate, immediatamente depois sahimos. Mencionaremos as ruas e passeios de maior importancia:

Calle de Alcala, atravessa toda a parte Éste da cidade; encontramos ahi grande alegria e estonteador movimento de trens, electricos e automoveis.

Existem n'ella edificios notaveis, taes como o colossal palacio da Equitativa, Ministerios da Fazenda e da Guerra, egrejas de Calatrava e de S. José e o theatro Apollo, que ainda que pequeno é de agradavel aspecto, varios cafés, sempre repletos de consumidores, por exemplo o Suisso e Fornos, onde politicos, jornalistas e militares discutem e escrevem durante todo o dia, dando-nos a impressão de que passam ali a sua vida.

Os cafés absorvem uma grande parte da actividade madrilena; alguns dos clientes passam ahi 16 horas por dia e isto em todas as classes, procuram, de preferencia, logares encostados ás vidraças para ver quem passa, o que é realmente agradavel, pois que permitte simultaneamente saborear as bebidas e gosar, pela collocação das mezas, o variado espectaculo que offerecem as physionomias e trajes dos transeuntes.

Puerta del Sol, é o centro da animação onde vão ter todas as principaes arterias; constantemente se cruzam electricos, que, devido á sua cautelosa marcha, não occasionam frequentes desastres.

Calle de S. Jenonymo, que, como a de Alcalá, vae ter á Puerta del Sol, tem estabelecimentos muito elegantes, sobretudo ricas *montras* de ourives; de noite torna-se ahi difficil o transito em virtude da grande afluencia.

Prado, orgulho dos madrilenos, é certamente um magnifico passeio de grande extensão, tendo ao centro uma alameda bordada de arvores e aos lados largas ruas para os peões, ornadas com bonitas fontes. Este passeio é o verdadeiro desafogo da população, nos dias em que a atmosphera adquire a sua maxima limpidez, todos ahi vão gosar os raios do sol. Um sem numero de equipagens conduzindo a primeira sociedade anima aquellas longas avenidas, e as formosas madrilenas, reclinadas languidamente, rejubilam porque o reflexo do astro rei venha pôr em maior relevo os seus encantos provocadores emquanto garbosos cavalleiros lhes disputam os sorrisos.

Retiro, aformoseia a cidade pelo lado nascente, é tambem muito frequentado pelas pessoas que vêm do Prado e até ahi prolongam o seu passeio. E' no Retiro que se encontra o Jardim

De Lisboa a Madrid e Toledo

Puerta del Sol

Zoologico que possue bellos specimens de tigres e uma rasoavel collecção de outros animaes ferozes.

Notámos que a vegetação é muito inferior á dos nossos jardins de Lisboa.

Um ponto curioso para se ver de manhã é as margens do rio Mazanares, onde lavadeiras estendem uma enormissima quantidade de roupa, o que lhes dá curioso aspecto.

Ainda notaremos a *Calle Mayor*, *Arenal*, *Carmen*, *Sevilla*, *Montéra*, *Carretas*, *Peligros* e *Barquillo*, que são espaçosas e de bonita vista.

Ha bons theatros, taes como: Theatro Real (opera) que tem bonitas decorações e grande sala, onde sobresae um bello busto

Calle de Sevilla

Puerta de Alcalá

do afamado Gayarre. Theatro Español, Theatro de la Comedia, de Zarzuella, Apollo Circo Price e a tradicional Praça de Touros, etc., etc. Não podémos assistir a nenhuma corrida por causa da neve que cahiu no dia destinado a essa diversão.

Emquanto aos costumes pitorescos, quasi desappareceram. A caracteristica mantilha, que era um dos maiores encantos da mulher hespanhola, está sendo sacrificada aos caprichos do *ultimo figurino de Paris*.

Teatro Real de Madrid

(De fotografias)

A todos que visitarem Madrid recommendamos que não deixem de ver estas cinco maravilhas: Museu do Prado, Armeria Real, Igreja de S. Francisco, Museu de Artilheria e Palacio Real.

(Continúa) JOM.

As exequias de El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe, no Brasil

São inumeraveis as manifestações de respeito, de simpatia e de condolencias que se tem reunido em volta da familia real como em volta da nação portuguêsa, espressando o mais veemente protesto contra o inaudito atentado que vitimou o Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe.

Ao clamor que se levantou em todo o pais veio juntar se os protestos de todas as nações civilisadas, mesmo daquellas mais avançadas em sua fórma de governos, como as grandes republicas dos Estados Unidos da America e da França, destacando-se a dos Estados Unidos do Brasil, onde maior dôr despertou, por que mais de perto aquelle povo irmão partilha das desditas desta patria.

Se em Portugal não ha cidade, vila ou simples povoado, onde não se sentisse a enorme catastrofe, e se tenham celebrado oficios religiosos sufragando as almas dos infelizes principes, o mesmo se poderá dizer do Brasil.

Todos os correios daquelle longiquo pais nos trazem noticias de manifestações de condolencias, que por toda a parte tem havido, principiando pelas solemnes exequias celebradas na capital federal, que por suas pompas funebres mais se destacam, ás que noutras cidades do Brasil se tem celebrado.

Agora temos noticia das exequias celebradas na catedral da Bahia, no dia 27 de fevereiro, como das mais imponentes tambem por sua pompa e concorrencia, pois a ellas acudiu tudo o que de mais ilustre se conta na sociedade bahiense, que tomou parte muito sentida na homenagem da grande colonia portuguêsa á memoria de seu desventurado Rei e Principe.

O antigo convento dos Jesuitas, fundado em 1565 e que em 1772 pela lei pombalina da expulsão daquella ordem, passou a ser catedral, foi toda revestida de luto e no cruzeiro armado um magestoso catafalco em volta do qual foram colocadas as seguintes inscrições:

Do lado da frente:

Sentida homenagem da Colonia Portugueza ás augustas victimas El Rei D. Carlos I e o Principe D. Luiz Filippe. El-Rei D. Carlos I, 32.º Rei de Portugal, 18.º do Algarve. — Nasceu no Real Paço d'Ajuda em 28 de Setembro de 1863. — Foi proclamado em 19 de Outubro de 1889. — Casou em 22 de Maio de 1886. — Morreu em 1 de Fevereiro de 1908. D. Luiz Filippe, principe da Beira, Duque de Barcellos, nasceu no

AS EXEQUIAS DE EL-REI D. CARLOS E PRINCIPE D. LUIS FILIPE, NO BRASIL

NA CIDADE DE S. LUIS DO MARANHÃO — NA CATEDRAL DA BAHIA — *(Fotographias dos srs. Gaudencio Cunha e de Lindeman)*

AS EXEQUIAS DE EL-REI D. CARLOS E PRINCIPE D. LUIS FILIPE NO BRASIL — EM PARAHYBA DO NORTE

(Photographia do sr. Aurelio Filgueiras)

Paço de Belem em 21 de Março de 1887, morreu em 1 de Fevereiro de 1908.

Do lado direito:

As augustas victimas do dever. A tua Patria querida, doce e casto enlevo dos teus sonhos de moço, rende-te hoje a mais sincera das homenagens. Dos despojos da lucta reservaste em tua altiva modestia sómente a partilha dos sacrificios e das ingratidões.

Do lado esquerdo:

A tua Patria, de lucto, chora tua perda irreparavel. Patria, péde, chora, implora que restituam teu filho As victimas da traição.

Do lado do fundo:

Tambem ha premios para a virtude. Ha dores tão agudas e tão intimas que esmagam o coração no delirio do soffrimento.

Principiou o acto religioso ás 8 horas da manhan, pela celebração de 13 missas resadas nos differentes altares da egreja a que se seguiram os oficios de defuntos.

A assistencia foi numerosa, como se disse, tanto por parte da colonia como dos brasileiros, em que compareceram autoridades eclesiasticas, militares e civis, sendo todos recebidos á porta do templo pela commissão promotora das exequias, os srs. Alfredo Motta, Manoel Joaquim de Carvalho Augusto Pinto, etc., e o chanceller do consulado.

Fóra do templo, na grande praça 15 de novembro, formou toda a guarnição militar em guarda de honra.

Os jornaes bahianos publicaram nesse dia artigos alusivos ao acontecimento, destacando se o de Octavio Mangabeira, na *Gazeta do Povo*, recordando as glorias dos portuguêses e fazendo votos pela paz e prosperidade da nossa patria.

Eguaes manifestações houve em as cidades de S. Luiz do Maranhão e de Parahyba do norte, de que damos a nossos leitores os desenhos dos catafalcos erguidos para as solemnes exequias que se celebraram.

A revolução de Pirmasentz

POR A. KARR

IV

Um dia o estudante Henrique estando na taberna, saltou para cima da meza, cheia de botijas de cerveja, e assim fallou: Chegou o tempo, cidadãos e amigos, em que os nobres e os tyrannos devem acabar de sugar o suor do povo. E' sempre a fraquesa do povo, que faz a insolencia dos reis.

Quebremos os ferros da nossa bella e querida patria (a interessante cidade de 58 fogos!) Abaixo os tyrannos. (Murmurios d'apreciação). Marchemos, vamos a esse palacio fatal, onde o maior dos tyranos se entrega ás mais impuras delicias na companhia de seus ferozes satelites. Vavos reclamar, pedir, exigir nossa liberdade civica... ou morrer! *Pulchrun est pro patria mori!*

N'esta occasião estava o Principe Ricardo muito tranquillo no seu jardim a alporcar cravos.

Os conjurados chegaram em numero de uns trinta á porta do palacio do principe.

Os ferozes satelites eram unicamente o soldado de sentinella do palacio, que sentado na guarita estava tocando flauta, e aprendendo a sua parte na symphonia em *lá* de Beethoven, que o principe havia de ensaiar no outro dia, e que deixava passar os conjurados, logo que lhe disseram que desejavam fallar ao principe, recommendando-lhe somente que fossem todos direitinhos pela rua do meio do jardim, e que não pizassem as flores.

O principe ficou algum tanto atrapalhado com este tumulto; porém o seu ar tranquillo e indifferente atrapalhou os amotinados, e quando elle lhes perguntou o qne queriam, nenhum dos demagogos, tendo sufficiente coragem para fallar, entenderam melhor romper todos, á uma, em gritos confusos e quasi inintelligiveis, entre os quaes se ouvia por vezes — viva a liberdade — abaixo os tyrannos — os direitos do povo, ou morte! — Foi então que Ricardo percebeu que se tratava de uma revolta.

O principe sorriu se, e com uma voz fraca, que se ouvia perfeitamente, apesar do tumulto dos faciosos, disse: Que falle um só por todos; porque se fallar cada um de por si, leva muito tempo, e se fallam todos ao mesmo tempo, ninguem os entenderá.

Todos se callaram logo, e recuando deixaram ao estudante Henrique a faculdade de usar da palavra, e de manifestar as offênsas e aggravos, que ninguem sabiam quaes eram.

Nós estamos aqui, principiava o estudante, em nome do povo...

E estás d'isso bem certo, Henrique, atalhou o principe, e o povo sobre o que isso é?

Nós viemos aqui, continuou o orador, para reclamar energicamente contra os grandes abusos que se tem introduzido na publica governação.

Meu bom amigo, atalhou ainda o principe, eu não sei d'outro abuso em Pirmasentz senão d'aquelle que tu agora praticas — abusando sem piedade da minha paciencia.

Mas que demonio se te metteu na cabeça! O meu povo — já que tu me vieste recordar que tenho um povo não o é tão numeroso que precise enviar-me mandatarios.

O meu povo pode entender-se comigo directamente; e portanto apareçam ámanhã, ao meio dia no pateo do palacio, e então fallarêmos.

— O povo soberano não transige, exclamou Henrique, irritado de ver que Ricardo não tomava o caso a sério, o povo não recebe ordens, ordena.

— Então, replicou o principe, quero tambem ser povo para *ordenar* que me deixem socegado tratar das minhas flores.

— E' assim, continuou o estudante, que os mais preciosos interesses do povo são sacrificados a insignificantes ninharias! O povo já não pode nem deve esperar por mais tempo.

— Meu pobre Henrique, o meu papel de principe soberano não é tão agradavel que o possa estar representando todos os dias. Amanhã serei principe reinante, e ouvirei o meu povo. Hoje sou um simples particular, que está alporcando os seus craveiros: e, como particular e cidadão, tenho o direito de governar em minha casa. Portanto, meus amigos, podeis retirar-vos, e até amanhã. Recommendo-lhes que não me pisem as minhas flores.

Henrique, furioso, voltou-se para os seus companheiros, que silenciosos escutavam tão estranho dialogo.

— E o povo recebe estas respostas evasivas, e tolera os ironicos sarcasmos de um tyranno?!

— O senhor estudante, replicou o principe já enfadado, está fallando como se eu fora um tyranno de theatro? Pois advirto-lhe que, como particular, sei muito bem corrigir com uma bengalada os atrevimentos e as insolencias.

— Já sabia, disse Henrique, que os defensores do povo são quasi sempre victimas da sua dedicação. Sei tambem que no fim da vida patriotica que começo, terei por premio a corôa do martyrio! Embora; estou resolvido a derramar todo o meu sangue pela causa do povo. Aqui estou — aqui está a minha cabeça.

— Para que demonio quero eu a tua cabeça! Só se fôr para lhe puxar as orelhas, muito bem puxadas. Já disse que amanhã os esperarei; tomaremos cerveja, e ao mesmo tempo fallaremos. Tenho dito. Podem retirar-se.

Henrique e os demais conspiradores sahiram confusos.

O principe, com toda a tranquillidade, fez um ramalhete, das mais bonitas, das suas flores para o mandar a Guilhermina juntamente com um bilhete em que recordava o ensaio da valsa promettida.

No dia seguinte, logo pela manhã, o exercito formou na alameda do palacio para se fazer o ultimo ensaio da symphonia em *la* de Beethovem, que se havia de tocar n'essa noite.

— Que demonio me quererá o meu povo, dizia comsigo Ricardo, e muito grande deve ser o motivo que lhe faz lembrar que eu sou o seu soberano. Rapazes, tragam copos e cerveja para o meu bom povo. Feliz o soberano que pode, como eu, beber com todos os seus subditos.

(Continúa.) *(Trad.)* F. S.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIV

(Continuado do n.º 1053)

Subida a rua temos logo, á esquina da de Santo Antonio e com entrada por ella pelo numero 28, um predio apalaçado de dois sobrados. Ahi, no andar nobre, esteve hospedado em casa do conselheiro Peito de Carvalho, no anno de 188, o grande Camillo.

* * *

A *rua Nova de Santo Antonio*, antigamente travessa, tirou o seu nome de uma capella dessa invocação que ali existiu e de que não se encontra hoje o minimo vestigio.

O autor do *Mapa de Portugal* fala della colocando-a *na rua para baixo do Pombal*. O sr. Guilherme Rodrigues, num artigo publicado nesta mesma revista em 1897, diz, tratando da paróquia da Encarnação, que este templo estivera provisoriamente instalado *n'uma barraca no alto do Pombal onde hoje pouco mais ou menos está a Imprensa Nacional.*

Em que documento se basearia o articulista para designar esta situação é que eu ignoro. Parece-me mais digno de atenção o que diz João Baptista de Castro. Ora a rua para baixo do Pombal não podia ser outra senão a actual rua nova de Santo Antonio, cujo nome está justificando esta conjectura. Foi aqui, pois nella móro e estou escrevendo, a tal capéla de madeira, construida em 1756 pelo mestre das Reaes Obras Jorge Rodrigues de Carvalho, avô materno de Alexandre Herculano.

Quando chegarmos á rua de S. Bento trataremos mais de espaço desta personagem.

A capéla não sei onde ficasse, mas creio não ficaria muito longe do sitio onde assenta o palacete que foi da falecida condessa de Calhariz de Bemfica. Parte desses terrenos pertenciam a Jorge Rodrigues e é de supôr que fosse ahi que elle edificasse a capéla.

Os vasos sagrados da igreja paroquial da Encarnação, destruida em 1755, ahi estiveram guardados durante algum tempo. Logo a seguir ao cataclismo foram recolhidos no Loreto. De ahi passaram para a ermida de Santo Ambrosio indo a seguir albergar-se n'outra ermida provisoria erecta no largo da Patriarcál pelo coadjutor Vicente Ferreira Rolim.

Em 10 de abril de 1780 trasladaram-se da capela de Santo Antonio, para uma das capelas do claustro de S. Roque onde estiveram dois annos findos os quaes foram para a ermida dos clérigos pobres. Concluidas as obras da nova igreja da Encarnação, em 1784, voltaram então definitivamente para casa sua. (1)

(Continúa.)

G. de Matos Sequeira.

TRINDADE COELHO

Manual Politico do Cidadão Portuguez

2.ª edição actualisada e muito augmentada

Mal pensava eu, ao pedir em setembro de 1906 ao Occidente logar em suas columnas para modesto artigo sobre o *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, do sr. dr. Trindade Coelho, ha pouco vindo a lume, que teria de voltar a solicitar novo e identico favor, ainda não volvido sequer anno e meio sobre a concessão d'aquelle, para aqui dar breve conta da 2.ª edição «actualisada e muito augmentada» do excellente livro.

Pois é o que succede, com grande maravilha minha e ao mesmo tempo sentido e intenso prazer: maravilha, não porque a obra por sua muitissima e incontestada valia não fosse credora de segunda e successivas edições, mas porque no nosso paiz, como infelizmente bem sabido e comprovado é, a lição que se faz de livros de proveitoso e até indispensavel ensinamento, é muitissimo limitada; de sentido enleio e intenso praser, por vêr quebrado pelo *Manual Politico* o gelo da indifferença publica, e aberta em favor d'elle memoravel excepção de sympathia e applauso, taes e tamanhos como talvez se não possam apontar outros eguaes entre nós.

Todos os que até agora têm escripto sobre esta 2.ª edição da notabilissima obra, e não poucos são elles, o que tambem não vulgar em Portugal, têm sido unanimes em assignalar como testemunho indiscutivel não só do merecimento do *Manual Politico*, mas da atenção que elle provocou e excitou, essa rapida extracção de sua 1.ª edição em menos de seis meses, e a incessante reclamação de uma 2.ª edição com que serem attendidos constantes pedidos e procura de exemplares seus, mas não têm frisado, quanto a mim, como de justiça o fazel-o, que se de inteira verdade o que assim registram, menos verdade não é que com o facto assim abalisado se conjugaram para a boa acceitação do livro e para seu como que instantaneo desapparecimento do mercado, os da opportunidade da sua publicação e do acordar bem patente e manifesto do sentir do publico para um mais amplo e concreto conhecimento de seus direitos e deveres, para comprehensão e adaptação de nossa anceiada e proveitosa educação civica.

E ninguem contestará que com a vinda á luz do *Manual Politico* não coincidiram os dous casos a que acabo de referir-me, pois bem justificada está minha affirmativa com todas as circumstancias que revestia o nosso mundo politico em julho de 1906, data da publicação do *Manual*, mas ainda e sobretudo com as que se foram n'elle succedendo ininterruptamente, cada vez mais apertadas e crueis para as liberdades publicas, até o lastimando, mas fatál e consequente desenlace de 1 de fevereiro.

Veio, assim — é indubitavel — por uma clara previdencia do grande e luminoso talento do sr. dr. Trindade Coelho e vehemente aperto ao mesmo tempo que anhelo de seu patriotico coração, a publico o seu *Manual Politico*, no momento apropriado a seu bom acolhimento e comprehensão, pois correspondendo cabalmente á anciedade de justiça, de verdade e de liberdade que começava a manifestar-se no seio da sociedade portuguesa, e respondendo plena e satisfatoriamente a todos os votos n'esse sentido formulados, com plena justificação do seu titulo e com direito seguro ainda a poder ser denominado o *Evangelho do Povo*.

Infelizmente a previdencia que deixo extremada para a elaboração e trasida a publico, pelo sr. dr. Trindade Coelho, do seu *Manual Politico* se echoou e repercutiu profunda e duradouramente pelas camadas sociaes, calando ahi intimamente, o mesmo não succedeu entre os dirigentes da nação, pois inteiramente indifferentes, surdos e cegos foram á lição tão voz em grita e á vista de todos ahi proclamada em prol das liberdades e apanagios e garantias publicas, e em vez de esta aproveitarem, todo o esforço e solicitude puzeram, requintando nos velhos processos, em cada vez mais irem apertando o laço com que estes afinal seriam de vez estrangulados com o decreto de 1 de fevereiro...

Por seguro se póde haver que se o *Manual Politico do Cidadão Portuguez* fosse lido e relido e seguido em seus civicos e nobilissimos doutrinamentos, por quem mais e maior interesse havia em fazel-o, abrindo os olhos ao moderno, ao actual estado e estadio de evoluções sociaes, não se teria dado o luctuoso successo que tão fundamente impressionou, sob multiplos aspectos, o mundo inteiro.

«Hão de cumprir-se os fados», foi voz que correu por muito tempo e durante os mezes que precederam esse funebre dia 1 de fevereiro, quasi toda a imprensa da capital, receiosa e assombrada ante o desenrolar cada vez mais obumbrado e caliginoso dos successos politicos, mas mal cuidavam os jornaes que assim proclamavam, que tão longe iriam, como o foram, os fados. . Mui antes, porém, como o registro, d'esse como que *mot d'ordre* da imprensa diaria da capital, já o futuro havia previsto e bem desenhado no seu famoso trabalho, sobre que estou escrevendo, o sr. dr. Trindade Coelho, mas embalde foi o aviso por elle feito do *caveant consules*, e ou como á Cassandra, filha de Priamo ou como a S. João Baptista, não foi elle acreditado ou perdeu-se como que em deserto.

Vem, em tal modo e na ordem de ideias que tenho exposto, a 2.ª edição do *Manual Politico*, como succedera com a sua primeira, no momento azado, pois immediatamente áquelle em que plenamente foi comprovado e justificado todo e inteiro o doutrinamento que d'elle resultava, e caso é este que acaba de evidenciar o alto valor do livro, e que baseado fora e é elle nas inilludiveis leis historicas e sociaes, tão seguras em sua marcha e effeitos como as leis que regem a materia.

Sobre o que escrevi aqui, no Occidente, a respeito da excellencia do *Manual Politico do Cidadão Portuguez* a proposito de sua 1.ª edição, pouco mais hei que acrescentar a pêlo da 2.ª que hontem veio a lume, além do que deixo precedentemente exposto, que não seja que esta augmentou o sr. dr. Trindade Coelho, com acrescentamentos aqui e alli em seu correr, todos elles apreciaveis, compendiando os factos mais importantes succedidos na politica do nosso paiz desde julho de 1906 a 2 de janeiro do corrente anno, e especial e notavelmente em seu final com o *Post-scriptum* que decorre de pag. 687 a 703, destinado aos successos occorridos desde 2 de janeiro até 8 do corrente fevereiro.

São paginas estas do mais flagrante e sugestivo relevo, e da mais sã philosophia e mais applaudivel criterio, muito para ser consideradas e meditadas, como fecho condigno e relevante de toda a obra.

Tenho lido em algumas apreciações do *Manual Politico* ser este o primeiro entre os trabalhos literarios do sr. dr. Trindade Coelho, e a sua obra prima por excellencia, e por mais que quisesse e me esforçasse por assim o querer e julgar, não o consegui, sendo diverso o meu pensar e sentir a tal respeito, sem que d'ahi resulte a minima quebra ou diminuição para o elevadissimo conceito em que tenho o livro, e seu conspicuo auctor.

Sob o ponto de vista que produziu a creação e feitura do *Manual Politico*, aliás precedido de diversos outros bemvindos trabalhos que já accusavam a orientação que n'elle havia de seguir o auctor, é elle por sem duvida a obra prima do sr. dr. Trindade Coelho, e não conheço eu entre nós, o que não é para admirar, nem no estrangeiro obra que na feição que reveste lhe sobreleve. E' um verdadeiro monumento de direito politico.

Sob outros, e multiplos aspectos, a obra inteira do insigne escriptor, memora outros livros igualmente primaciaes no seu genero, e sem que no momento pretenda, até para me não alargar a mais do espaço que me é concedido, indical os todos, bastará como tal no seu genero, o de contos, um dos mais difficeis da literatura, apontar os *Meus Amores*, joia perigrina da nossa literatura, e uma das que mais e melhor a opulenta, com direito a viver n'ella por tanto tempo quanto o que ella possa e venha a contar de existencia.

Escrevendo do sr. dr. Trindade Coelho, a penna jamais se me aborrece ou cansa, mas tempo é de terminar...

Lisboa, 22 de fevereiro de 1908.

Rodrigo Velloso.

AUTOMOBILISMO

Metralhadora Automovel

O automobilismo vae fazendo rapidos progressos, não só em velocidade e solidês, mas em aplicações á lavoura e á guerra.

As ultimas experiencias feitas em França com uma metralhadora automovel, animaram o governo francês a mandar para Marrocos uma daquellas metralhadoras, afim de ser empregada nas explorações do campo de ação das tropas que ali tem, oferecendo a vantagem de, pela sua velocidade, explorar rapidamente um raio de 20 a 40 kilometros sem carecer de outro auxilio e outras forças militares, pois o seu armamento lhe garante suficiente defesa.

Este automovel, de *chassis* Panhard Levassor, com um motor de 35 cavalos de força, quatro rodas eguaes de 102×135, com *jantes amovibles*, tem todo o seu macanismo a uns 25 centimetros acima do solo, o que lhe permite rodar sobre os mais acidentados terrenos. O peso do automovel armado não vae além de 1:200 kilos.

---

(1) Carta que um amigo de Lisboa escreveu a outro da Provincia da Beira, em a qual lhe dá circunstanciada noticia do modo como se fez a trasladação do Santissimo Sacramento da freguezia de N. Sr.ª da Encarnação para a sua nova egreja — Lisboa 1784. Folheto incluindo uma miscelania manuscripta, n.º 19155 da B. Nacional.

METRALHADORA AUTOMOVEL

O seu armamento consta de uma metralhadora Hotchkiss, que póde disparar 600 tiros por minuto; dois reparos de forma cilindrica assentes cada qual por detraz de uma das bancadas, permitem á metralhadora fazer fogo para a frente ou para a rétaguarda, conforme esteja collocada num ou n'outro. O automovel é municiado com 3:500 cartuxos e leva uma outra metralhadora de sobrecelente.

O automovel tem logar na bancada da frente para o condutor e maquinista, e na de traz para dois serventes.

Esta metralhadora foi confiada ao capitão Genty, muito conhecido nos centros do *sport* pelo pseudonimo de La Touloubre, tendo tomado parte em muitas corridas notaveis de automovel, distinguindo-se principalmente na região de Lalla-Marnia.